

Andrea Pacheco Pacífico

Pós-Doutora em Direito Internacional dos Refugiados

“Na Paraíba, há boa vontade em ajudar os refugiados”

Em entrevista ao Jornal A União, especialista ligada à ONU fala sobre situação dos cerca de mil refugiados que vivem no Estado

Alexsandra Tavares
lekajp@hotmail.com

Venezuelanos, sírios, colombianos, africanos. São alguns dos estrangeiros que chegaram à Paraíba e buscam oportunidades. Assim como qualquer conterrâneo do Estado, eles lutam por emprego, renda, moradia, saúde, educação, ou seja, um porto seguro para seguir a vida com dignidade. Saem do país de origem porque são perseguidos, têm direitos básicos violados ou fogem de guerras. Nos últimos anos, é comum observarmos em João Pessoa, Conde e Campina Grande a maior presença, especificamente, dos venezuelanos. Povos que tiveram

de deixar a terra natal por causa dos graves conflitos na Venezuela. Alguns estão na condição de refugiado, outros vivem como migrantes forçados.

Para falar sobre a situação dos venezuelanos, o Jornal A União ouviu a professora de Relações Internacionais da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), Andrea Pacheco Pacífico. Com pós-doutorado em Direito Internacional dos Refugiados pela Universidade de York, no Canadá, ela coordena o Núcleo de Estudo e Pesquisa sobre Deslocados Ambientais (Nepda) e é co-coordenadora da Cátedra Sérgio Vieira de Mello, do Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados (ACNUR). Confira a entrevista.

A entrevista

O que trouxe os venezuelanos à Paraíba?

■ Eles começaram a chegar em 2018 por conta da crise política, econômica e social na Venezuela. Iniciaram migrando por Roraima, chegando a Boa Vista e Pacaraima, enchendo muito esses locais. Com isso, começou uma verdadeira comoção social em Roraima. Então, o Governo Federal criou o Programa Nacional de Interiorização, que permitiu a interiorização desses venezuelanos de Roraima para outros Estados, e a Paraíba foi incluída nesta rota. Outro motivo da vinda deles foi para reencontrar familiares que já estavam instalados na Paraíba, através do Programa de Reunificação Familiar. Há um terceiro grupo que são os venezuelanos indígenas, que são nômades. Mesmo antes do conflito no país de origem, viviam por meio de coleta (mendicância).

Quantos venezuelanos existem hoje na Paraíba?

■ Hoje temos mais de mil venezuelanos na Paraíba. Aproximadamente a metade deles chegou ao Estado pelo Programa Nacional de Interiorização. Chegaram, inicialmente na Casa do Migrante, no Conde, e depois na ONG Aldeias Infantis SOS, em João Pessoa. Já vieram com CPF, Carteira de Trabalho, cartão de vacinação, tudo regulamentado. Então, ficou mais fácil o processo de integração. Hoje, quando chegam ao Estado, ficam instalados na Casa do Migrante por três meses, depois precisam encontrar emprego e sair.

Que direitos eles têm e como fica o acesso a benefícios sociais?

■ Eles têm aula de português por meio de programas da Universidade Estadual da Paraíba e da Universidade Federal da Paraíba, recebem o Cartão do SUS

para ter acesso aos serviços de saúde, têm direito ao Bolsa Família, ao Auxílio Emergencial. E isso facilita o acesso ao trabalho e ao emprego. Todos eles foram recebidos no serviço público de ensino da Paraíba. Essa é uma das características do Estado, porque não deixou ninguém sem escola.

Qual o ranking do Brasil com relação a acolhida de venezuelanos?

■ O Brasil é o sétimo país do mundo que mais tem venezuelanos, com 150 mil indivíduos desse país. Nessa crise que começou entre 2014 e 2015 já existem cerca de 4 milhões de venezuelanos que estão fora de seu país. É uma crise que já está equiparada à da Síria.

Qual o perfil deles?

■ Chegam à Paraíba venezuelanos que têm desde o ensino fundamental, até nível superior. Têm profissões como psicólogos, engenheiros, jornalistas, professores universitários, advogados e muitas outras. Geralmente, a maioria são famílias. Mas também têm solteiros.

Quais as atividades mais comuns no Estado em que eles conseguem uma colocação?

■ Eles têm a dificuldade do idioma, mas nós da universidade damos aulas de Português. Alguns encontram trabalho em hotéis, restaurantes, pizzarias, fazem artesanato, na pandemia estão fazendo máscaras para vender, enfim, são várias atividades.

Qual o impacto da vinda deles na Paraíba?

■ Primeiro a sociedade paraibana estranhou a chegada de estrangeiros. Então há registro de discriminação e xenofobia. Há quem pense que eles vieram para roubar vagas de emprego, principalmente



Andrea Pacheco Pacífico explica o processo de vinda e adaptação dos refugiados venezuelanos e de outras nações que estão na Paraíba

no bairro de Mangabeira, onde há muitos venezuelanos. Tem ainda dificuldade de o sistema de saúde e emprego do Estado comportar essa população. Tudo isso é uma demanda que necessita da criação de uma nova estrutura. Em cidades maiores como São Paulo há um setor específico para atendê-los. Aqui na Paraíba há boa vontade de ajudar, mas tem de se tirar leite de pedra.

Há algum projeto público formalizado para ajudar essa população estrangeira que chega ao Estado?

O poder estadual, municipal e legislativo da Paraíba já entraram com um Projeto de Lei solicitando a criação de uma política municipal em João Pessoa, de acolhimento e integração de proteção dos direitos do refugiado, apátridas e migrantes forçados com maior vulnerabilidade. Há ainda o projeto de lei para criar o Comitê Municipal e também o Estadual de Direitos Humanos dos refugiados, migrantes forçados e apátridas. Isso significa que vão se alocar recursos, porque precisamos ter um órgão específico para atender as demandas destes estrangeiros.

Qual a importância desse Comitê?

■ Muito grande. Ele seria um órgão colegiado, onde teríamos membros de universidades, ONGs, secretarias e órgãos municipais e estaduais. O estrangeiro já saberia quem procurar quando chegasse ao Estado e em João Pessoa.

De uma forma geral, houve algum preparo de órgãos públicos para receber os venezuelanos na Paraíba?

■ Existe uma rede local onde pessoas de várias instituições foram capacitadas pelo Ministério Público Federal para saber como acolher o migrante ou refugiado. Temos um grupo de WhatsApp onde eu sou membro da rede local. Há representante da UFPB, da UEPB, das secretarias estaduais e municipais em áreas como saúde, educação, desenvolvimento social, desenvolvimento humano, Defensoria Pública, Ministério Público do Trabalho, e Ministério Público Federal, para ajudá-los. Eles têm recebido ajuda jurídica do Serviço Pastoral do Migrante e da Igreja Católica. A Defensoria Pública da União oferece advogado gratuitamente. Podemos dizer que a receptividade está sendo boa, mas a população ainda está se adaptando.

Em que cidades os venezuelanos se concentram na Paraíba?

■ Basicamente em João Pessoa e em Campina Grande. Eles vão para o Conde, passam um tempo, mas ficam em João Pessoa.

Qual a diferença entre refugiado e migrante forçado?

■ O refugiado tem registro internacional e quem delibera sobre a solicitação de refúgio no Brasil é o Comitê Nacional de Refugiado. Para ser refugiado, necessariamente, o indivíduo tem de estar fora de seu país na condição de perseguido por cinco motivos: em razão de raça, religião, nacionalidade, opi-

nião política ou pertencimento a grupo social. De forma pioneira no mundo, o Brasil ampliou essa definição para reconhecer como refugiado quem está fora de seu país em virtude de grave violação dos direitos humanos. Depois de quatro anos na condição de refugiado, o indivíduo passa a solicitar o visto permanente, para depois solicitar a naturalização. Já o migrante recebe o visto conforme a lei de cada país. A validade dele é nacional. Quem libera ou não esse visto no Brasil é o Comitê Nacional de Imigração. Na prática, o migrante também tem o direito ao trabalho, saúde, educação porque ele vai ser um estrangeiro com situação regular no país.

No Brasil, há um tratamento diferenciado em relação ao acolhimento de estrangeiros?

■ Diferentemente de outros países, no Brasil não tem centro de detenção para o estrangeiro que chega sem documentação, de forma irregular. O país também não deporta o refugiado e aplica a reunificação familiar, ou seja, se o estrangeiro já tem parente morando aqui, ele pode pedir a condição de refúgio para conviver com os parentes. Atualmente o Brasil tem refugiados vindos de aproximadamente 90 países. É considerado um país aberto para estrangeiros.

E na Paraíba, temos estrangeiros de quais nacionalidades?

■ Tenho visto sírios, colombianos, africanos e venezuelanos.

Foto: Roberto Guedes